

O PAQUETE DO TEJO

PUBLICAÇÃO MENSAL

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. GABRAL

SETEMBRO



LISBOA

.19—TYPÓGRAPHIA RUA DO ARCO—19

(JUNTO A JESUS)

1866

O PAQUETE DO TIPO

Publicação Mensal

PROPRIETARIO E DIRECTOR

M. J. CABRAL

REVISTA



ANNO 4

10 - RUA DO ALTO - 10

(LIT. A. G. S.)

1888

COMPTES RENDUS

DE LA SOCIÉTÉ

DES PROPRIÉTAIRES

DE LA BANQUE

DE PARIS



PARIS
1850
M. LAFITTE

COLONIAS

(Continuação)

Manuel de Cerveira Pereira, successor de João Rodrigues Coutinho, restabeleceu a honra das armas portuguezas. Desbaratou o temido Cafune em combates successivos (1603), e por tal modo o abateu, que cessou de inquietar os portuguezes. Derrotou o poderoso Sova de Cambambe, e estabeleceu, em lugar elevado, sobre o rio Coauza, o presidio de Cambambe. Em seguida castigou e reduzio á obediencia os Sovas do Musseque, e, prestada vassallagem á Corôa de Portugal por muitos potentados, e o mesmo rei d'Angola, se recolheu a Loanda. Então, aproveitando o repouso da paz, tratou de augmentar a população de Loanda, fez edificar varios edificios, alevantou algumas egrejas, e deu forte impulso ao commercio, que medrou largamente durante o seu governo.

D. Manuel Pereira foi o successor de Manuel de Cerveira Pereira, (1607), de quem muito dissimilhou, com tudo expulsou do porto de Cinda (no Zaire) os corsarios hollandezes, que pertendiam fortificar se n'aquelle ponto. No tempo deste governador intentou Balthasar Rebello de Aragão

atravessar o sertão dos Molúas, e pelo interior abrir caminho para a costa de Moçambique; e o teria realizado, pois era homem para isto, e para muito mais, se não se visse obrigado a retroceder para acudir á fortaleza de Cambambe, que fôra accomettida, e estava cercada por poderosos inimigos.

Tendo fallecido repentinamente D. Manuel Pereira (1611) foi eleito pela camara, e principaes moradores de Loanda o capitão-mór Bento Banha Cardoso. Era homem ousado e feliz, porém duro e cruel: castigou com rigor excessivo as rebelliões do rei d'Angola, e de muitos Sovas da Quissama, e para os ter em sujeição, creou um presidio junto ao rio Lucalla, que foi ao depois transferido para Ambaca, e por espaço de quatro annos conservou a conquista segura e pacifica.

Manuel de Cerveira Pereira, que fôra novamente nomeado governador do reino de Angola (1615), houve-se com prudencia, e energia, e em Abril de 1617, deixando a governança nas mãos de Antonio Gonçalves Pitta, sahio para a conquista de Benguella. Visitou o morro de Benguella, mas desagradado do local, foi surgir na bahia de Santo Antonio ou do Sombreiro. Tendo tomado posse com as costumadas solemnidades, derrotou o Sova visinho, que foi obrigado a retirar-se para os matos, o fundou o forte e povoação de S. Filippe de Benguella. Combateu e destruiu os Sovas do Dombe, penetrando pelos sertões dentro, e descobriu as ricas minas de cobre, de que ao depois (1620) tomou posse.

Cerveira Pereira, foi victima de uma sublevação, promovida por alguns seus inimigos, que o mandaram preso para Loanda. Cerveira representou ao governo da Metropole as suas justas queixas foram attendidas, e, sendo soccorrido com ordem de voltar á conquista de Benguella, para lá se dirigiu immediatamente. Com a sua costumada energia dilatou as suas conquistas até ao sertão de Caconda, e falleceu, tendo concluido o descobrimento das minas de cobre de que fallámos.

Luiz Mendes de Vasconcellos, que fôra nomeado gover-

nador d'Angola em 1617, desbaratou e punio severamente Golla Dandy, rei usurpador de Matamba; e igualmente derrotou os Sovas, que tinham tomado o partido de Golla Bandy, bem como o rei de Dongo, impondo a todos pesados tributos. Luiz Mendes transferiu para Ambaca, e poz remate ao presidio, que Bento Banha Cardoso construiu sobre o Lucalla.

João Correia de Sousa, successor de Luiz Mendes de Vasconcellos, fez baptisar na matriz de Loanda (1622) a celebre rainha Ginga, que tomou o nome de D. Anna de Sousa. Esta rainha viera a Loanda com uma embaixada de seu irmão Golla Bandy. Seguidamente castigou João Correia de Sousa o mencionado Golla Bandy, e o Sova do Cassange, que por seus excessos tinham provocado a justa ira do governador.

Durante os governos, que se seguiram do Bispo D. Fr. Simão Mascarenhas (1623,) Fernão de Sousa (1624,) D. Manuel Pereira Coutinho (1629,) Francisco de Vasconcellos da Cunha, (1634,) firmou-se a conquista dos reinos de Angola e Benguella, sendo dividamente castigadas as rebelliões da rainha Ginga D. Anna de Sousa, e de varios Sovas poderosos e ousados.

Pedro Cezar de Menezes (1639) foi menos feliz que os seus antecessores, por que vio realisadas quando menos o receava, as ameaças, que, desde o principio do seculo XVII, os hollandezes faziam aquella nossa conquista. Em agosto de 1641 uma armada de 20 naus hollandezas, com tropas de desembarque, entrou a barra de Loanda. O governador desprevenido, e reputando no momento impossivel a defeza, retirou-se para o forte presidio de Massangano. Tendo chegado pouco tempo depois a noticia de se ter assignado a paz entre Portugal e os Estados Geraes, pactuou Pedro Cezar com o commandante hollandez uma tregua que foi por esta quebrantada. Pedro Cezar sendo inesperada e repentinamente accommetido (1643) foi desbaratado e feito prisioneiro. Valeu a Pedro Cezar a coragem e dedicacão do capitão-mór Antonio d'Abreu de Miranda, que teve traça de fazer evadir da prisão a Pedro Cezar de Menezes, e de o

fazer conduzir com segurança a Massangano, onde lhe entregou o governo.

A noticia d'estes desastres chegou ao Rio de Janeiro, e logo o governador Francisco de Sottomaior acudio com forte soccorro de gente, armas e munições; e tendo desembarcado em Quicombo, ajudado do experimentado capitão Antonio Gomes de Gouveia, e do capitão de Benguella Antonio Teixeira de Mendonça, se passou para Massangano com as forças que trazia. Sottomaior sahi immediatamente a campo, e castigou com a maior severidade a rainha Ginga, que, aproveitando-se do ensejo para ella tão favoravel, ajuntára um poderoso exercito para sobresaltar os nossos presidios. O exercito da rainha Ginga foi completamente derrotado, e ella mesmo a custo escapou com vida, ficando sua irmã D. Barbara em poder dos portuguezes. Sottomaior preparava-se para tomar justa vingança da perfidia do commandante hollandez, quando uma febre maligna o colheu d'improviso, fallecendo em Massangano em Maio de 1646.

Os portuguezes no meio da maior consternação nomearam para lhe succeder uma junta composta dos tres capitães Bartholomeu de Vasconcellos da Cunha, Antonio Teixeira de Mendonça e João Zuzarte de Andrade. Estes conservaram-se na defensiva, e repelliram os ataques dos hollandeses, que, reforçados de frescas tropas, accommeteram com grande valentia as fortalezas de Muxima e de Massangano.

Quiz boa sorte nossa que Salvador Corrêa de Sá Benevides, então governador da capitania geral do Rio de Janeiro, fosse encarregado por El-Rei D. João IV (1647) de reconquistar Loanda, e punir os hollandezes, que tinham faltado á fé da tregua com os nossos jurada.

Salvador Correia de Sá levantou ferro do Rio de Janeiro em maio de 1648, e no dia 12 d'Agosto amanheceu na barra de Loanda. Intimidados os hollandezes para se entregarem no praso de quarenta e oito horas, como se recusassem, Salvador Correia deu ordem para o desembarque. Os hollandezes não se atreveram a sustentar o impeto dos por-

tuguezes, e lhes largaram as praias e as fortalezas, recolhendo-se na cidadella de S. Miguel. No dia seguinte foi assaltada a cidadella, que se rendeu, capitulando com honrosas condições. Os hollandezes desesperavam-se ao ver-se prisioneiros de forças ainda então muito inferiores ás suas.

(Continúa.)

D. J. DE L.

SOCIEDADES DE CREDITO

(Continuação)

Demonstrarei o fim a que me propuz.

Um proprietario contrahe um emprestimo de 1:000\$000 réis, por exemplo, por tempo de dois annos a juro de 6 0/0, pelo systema antigo no fim desses dois annos tinha dado de juros 120\$000 réis; e como pagou a somma pedida faz o total de 1:120\$000 réis.

Comparemos agora um contracto feito com a Companhia pela quantia de 1:000\$000 réis pelo prazo de 10 annos, antecipando o mutuario o pagamento do seu debito no fim do segundo anno.—Pelo seu contracto tem a pagar de prestação semestral para amortisar aquelle capital 71\$215 réis —Chegou ao quarto semestre e extinguiu a sua divida por meio da antecipação; vejamos quanto lhe custou este emprestimo.—Pagou de juros nos quatro semestres 113\$165 réis; amortizou nos mesmos quatro semestres 155\$695 réis. Pelo seu contracto estava obrigado pelos 10 annos a pagar successivamente aquella prestação semestral de 71\$215 réis; e os juros que lhe restavam a pagar eram da quantia de 231\$149 réis—como antecipou a sua divida indemnizou

a companhia com os 3 % sobre a quantia em divida que são 25\$329 réis, lucrou por tanto o mutuario a differença entre os juros que tinha a pagar até ao fim do seu contracto e os 3 % da indemnisação a quantia de 195\$820 réis; alem da differença entre os juros dos dois annos, que pagou pelo systema antigo a quantia de 120\$000 réis, e pelo systema moderno de 113\$165 réis, que são 6\$835 réis.— A realidade desta demonstração só se póde bem conhecer á vista, e com o estudo das Tabellas.

Se porém, a antecipação fosse feita mais tarde, maior seria a differença entre este systema e o antigo, porque igualado o numero dos annos bem se deixa ver que pelo systema antigo pagava o mutuario annualmente o juro de 60\$000 réis, e pelo systema moderno cada anno vai diminuindo o juro na razão que a amortisação vai augmentando.

Mas não param aqui as vantagens que o mutuario obtem, quando antecipa toda, ou parte da sua divida.

Quando ao fim do 1.º ou 2.º semestre antecipa toda a sua divida, parece-me que a intelligencia mais curta comprehenderá, que estando o mutuario obrigado, por um contracto, a dar em um certo e determinado numero de annos, uma quantia tambem certa, que facultando-se-lhe o meio de remir essa obrigação com o simples onus de 3 % sobre a quantia que antecipa, que compra muito barato o encargo a que se tinha sugitado, alem de ter, com uma diminuta quantia, paga de seis em seis mezes, satisfeito as suas obrigações no espaço do tempo decorrido antes de operar a sua antecipação.

Se por acaso o mutuario faz a sua antecipação de uma parte da sua divida, isto é, dá uma quantia qualquer para a amortisar, então as vantagens não são tão grandes como se estinguisse logo toda a sua divida, mas são em proporção do seu contracto, e annos de duração d'elle.

Duas maneiras se tem adoptado para que o mutuario receba as respectivas vantagens em relação á parte que antecipa da sua divida—a 1.ª é—logo que seja recebida a quantia dada por antecipação, ser deduzida do capital em divida, e este, depois da dedução feita, continuar, pelo mes-

mo espaço de tempo por que se fez o contracto, a ser amortizado por uma annuidade menor em proporção da redução; por esta forma antecipa a divida, mas continua o seu contracto pelos mesmos annos, mas com differente annuidade.

A 2.^a maneira é—recebida a quantia que o mutuario antecipa, reserva-se-lhe em deposito, vencendo a favor do mutuario o mesmo juro que paga pelo seu contracto, continuando a pagar a mesma annuidade para amortisar mais depressa a sua divida; portanto vem a extinguil-a antes de findar o tempo do seu contracto, e a isto se chama antecipar os annos ou tempo do emprestimo, fazendo-se a liquidação no semestre em que a divida se extinguir, ou estiver quasi extincta.

Esta segunda maneira é a que se adoptou para as transacções que se fizerem n'esta companhia.

Nas condições porque se regulam os contractos de emprestimos, na 7.^a se vê que a sua doutrina é—*que todas as quantias pagas por conta do capital, vencem a favor do mutuario o mesmo juro que elle paga pelo emprestimo, a contar do dia em que são entregues á companhia. Esse juro é a favor d'elle, capitalisado de semestre a semestre.*

É portanto de justiça que, sendo o mutuario obrigado pela 6.^a das mesmas condições a pagar sempre a mesma annuidade, apesar de ter antecipado qualquer quantia, se lhe abone e encontre o juro, que demais paga pela quantia que antecipou involvido na mesma annuidade, que continua a pagar, com o juro da quantia que antecipa; ora como a annuidade que continua a pagar comprehende tanto o juro como a amortisação do capital, por isso a condição diz—*que esse juro seja a favor d'elle capitalisado de semestre a semestre*; o que effectivamente se faz na segunda maneira que acima indico.

Bem claro fica que pagando o mutuario uma annuidade em relação a uma certa quantia por um numero de annos, se reduzir a quantia da sua divida, e ficar pagando a mesma annuidade, a extincção da divida se operará com muito mais rapidez.

Concluindo direi, que a doutrina da condição 7.^a, não

serve senão para certificar ao mutuario, que apesar de ser obrigado á continuação da mesma annuidade, tendo antecipado qualquer quantia, que não obstante, é indemnizado pela fórma que na mesma condição se declara. Era portanto escusada esta condição, que não traz senão embaracos para a escripturação, e mesmo porque nas tabellas se acham consignadas todas as maneiras porque o mutuario póde fazer os seus pagamentos ou antecipações, sem contudo complicar o systema e methodo de escripturar.

Resumido, como tenho, os beneficios e vantagens d'esta instituição, completamente desconhecida entre nós, por isso que a maior parte dos nossos concidadãos não attingem ao verdadeiro ponto a que ella se destina, tratarei em seguida da especie de moeda com que ultima os seus contractos.

Não é com o luzente ouro que se opera o mutuo, é simplesmente com uma folha de papel, dividida em pequenos quadrilongos a que se chamam *coupons*, que se faz a transacção.

Perguntareis vós agora, mas se o proprietario o que precisa é dinheiro para acudir ás necessidades e bemfeitorias do seu predio, como é que só se lhe dá papel?

A resposta a esta pergunta é tão limitada e prompta que nada custa a pronunciar, porém muito a cumprir—é *credito*.

O papel que se dá em logar de dinheiro representa, em primeiro logar metade dos valores que a companhia tem em si, seguros por contractos solemnes; e em segundo logar representa mais a grande riqueza das cidades e villas—que é a propriedade—tornada da condição obscura da immobildade, á permutação e concorrência nas praças da Europa, pelo minucioso exame e apuramento que da mesma se tem feito antes de chegar ao ponto de se trocarem os titulos da propriedade pelos titulos da companhia.

São estes titulos chamados—*obrigações prediaes*, ou *letras hypothecarias*.

As obrigações prediaes pódem ser ao portador, ou nominativas, o seu valor é de 90\$000 réis. Alem d'estas ha tambem obrigações municipaes, que se destinam ás opera-

ções feitas com os municipios, de que mais adiante tratarei.

As obrigações ao portador favorecem as transacções em maior e mais facil escala, porque occultando o nome do mutuário, facilita-lhe a transacção sem quebra do seu pundo-nor, quando por circumstancias se tenha visto forçado a captivar a sua propriedade; os mercados as acceitam como dinheiro corrente, e nos diferentes paizes da Europa em que semelhantes instituições se tem inaugurado, as suas letras prediaes correm de mão em mão como se fosse metal; entre nós ainda não chegou a este ponto, e mesmo ainda não são muito conhecidas do publico as nossas obrigações prediaes, comtudo, tempo virá que espalhada e defundida por todo o reino a noticia da utilidade desta nova moeda, todos quererão á profia ter, e obter destes papeis.

As obrigações nominativas servem para emprego de capitães, de confrarias, irmandades, estabelecimentos de caridade, menores ou interditos cujas administrações desejem garantir um seguro emprego aos capitães dos seus administrados ou tutelados, ou mesmo para aquellas pessoas que desejem empregar os seus dinheiros simplesmente como propriedade lucrativa de honesto rendimento, porem certo e seguro.

Estas obrigações prediaes ou letras hypothecarias, vencem juro igual aquelle com que é feita a transacção com o proprietario, pode ser este juro de 6, 5, 4, etc. por 0/0, por em quanto tem o juro de 6 por 0/0, e por essa rasão podem ser negociadas ao par, isto é, o portador destas obrigações prediaes pode obter do comprador dellas o seu valor representativo, sem quebra alguma, quando não haja crises financeiras que alterem os mercados pela elevação do agio.

Quando a Companhia intenda que pode fazer as suas transacções a juro mais modico, e por conseguinte os titulos prediaes tambem receberem menos juro, é de suppor que esses titulos então soffraia no mercado a sua variante para a baixa, porém se o portador das obrigações prediaes perder no valor representativo dellas, em relação ao seu

emprestimo, já ficou compensado, e bem, na diminuição que teve na sua annuidade, em vista do juro ser mais diminuto em igualdade de quantia com a do juro do 6 por 0/0 e essa perda que soffre é por uma só vez, em quanto que o beneficio da diminuição do juro é por tantos annos quantos são os do seu contracto.

F. F. P. Furtado.

Continúa.

ROBERTO REI DA SICILIA

LEGENDA SICILIANA

PELO DISTINCTO POETA AMERICANO «LONGFELLOW»

Roberto da Sicilia, Irmão do Pontifice Urbano,
Irmão também de Valmonde, Imperador Germano,
entre os nobres da côrte, e trajando o regio manto,
recosta-se no Templo, prestando ouvido ao canto
que em honra a São João, (era noite de matinas)
erguião pios monges, e as palavras latinas
—«Deposuit potentes et exaltavit humiles!»—
da magnifica ferem-lhe por vezes o ouvido!
Quero, diz elle, ao secretario seu, traduzido
aquelle trecho de latim!—É Senhor,—sem falta,
—«Abate os poderosos, e os humildes exalta.»
Ainda bem, que essa phrase sediciosa e torta,
cantada é só por velhos frades, e em lingua morta,
porque o meu povo deve piamente acreditar
que o meu poder, agora e nunca, póde oscillar:
E na cadeira recostando-se para traz,
dormiu profundamente, escravo d'ideias más.

É alta noite! o Rei desperta,
 e á claridade incerta
 das lampadas dos altares,
 mira todos os logares.
 Tudo tem emmudecido!
 Levanta-se espavorido,
 e, raivoso, abala as portas
 fechadas em horas mortas!
 apalpa os muros e os cantos
 rogando pragas aos Santos,
 e, vendo-se assim a sós,
 os echos da sua voz
 lhe parecem gargalhadas—
 das campas despedaçadas.

Té que alfim, o sachristão
 julga ser algum ladrão,
 e fóra da portaria
 pergunta; que gritaria
 infernal é esta aqui?!
 —Sou eu, sou o Rei! abri!
 —Diz comsigo o sachristão,—
 É algum pobre beberrão
 que adormecera na nave:
 E fazendo a grande chave
 na fechadura voltar,
 abre a porta par em par!
 —Sae um homem apressado,
 meio nu, desc'rapuçado:
 Nas trevas desaparece,
 e nem sequer lhe agradece.

O irmão do Papa Urbano
 e d'um Imp'rador Germano,
 C'o as vestes amarrotadas
 e de lama salpicadas,
 em cabello, desesp'rado,
 co'a consciencia do peccado,

chega ao Paço, e nos portões
 tropeja e entra aos empurrões
 nos pagens e seneschaes,
 Sobe as 'escadas espiraes
 e, veloz como uma bala,
 atravessa sala em sala
 te chegar á do banquete!
 Eis que pára no archete.

Ahi, na real cadeira,
 Sua effigie toda inteira,
 Seu anel e sua c'rôa,
 Sua altura e forma bôa.
 C'o regio manto coberto,
 Stá um outro Rei Roberto.
 —Era um anjo, e o seu olhar,
 luz esparge em todo o ar.

Mudo, immovel, e pasmado,
 o Monarcha desthronado
 mede o anjo todo altivo,
 e este, meigo e compassivo
 lhe diz:—Quem és, e que buscas?
 A que o Rei com fallas bruscas
 responde:—Sou Rei, e venho,
 porque assim direito tenho,
 o meu throno reclamar.
 Quem és tu?—Um impostor!
 Fóra, e já usurpador!
 A esta audacia, os commensaes
 arrancaram de punhaes,
 mas o anjo com placidez,
 embainhal-os logo fez,
 e pr'a o Rei, que, como um lobo,
 rugia,—diz;—és meu bobo.

Vestirás a capa e guizo,
 dado a quem lhe falta o sizo,
 meu saguão terás por throno,
 e por conselheiro um mono.

Às ameaças e aos gritos,
 fervem rizo e apitos:
 Adiante e aos saltinhos
 correm, rindo, os pagensinhos;
 Com mofa lhe vão mostrar
 porta aberta, par em par;
 e descendo a escadaria
 ouve a rude gritaria
 retinir nos corredores.
 Viva o Rei dos impostores.

Na seguinte madrugada,
 co'a cabeça atordoada
 acordando, diz o Rei,—
 foi um sonho, sim, sonhei!
 Mas a palha que rugia
 a verdade descobria:—
 Junto á capa vê o guizo,
 e o infeliz perde o juizo!—
 Em redor, caiados muros,
 n'um canto o mono dando urros!
 Não é sonho! fez-se em pó,
 o poder que eu via só!

Passa o tempo, e no reinado
 do anjo,—bemaventurado—
 é tudo: tudo prospera
 n'esta santa e ditosa era.
 O proprio Etna reconhece
 Seu poder, e adormece.

No entretanto, o Rei callado,
 seu olhar vago e espantado,

rapada a cabeça em roda,
 como é para os frades moda,
 da côrte o entretenimento,
 sobejos por alimento,
 e nem assim se humilhava;
 Pois se o anjo o encontrava
 e dizia,—ainda és o Rei?
 A furia elle não continha,
 todo o sangue ao rosto vinha
 e de frente bem erguida,
 aquella alma não vencida
 respondia;—sabes bem,
 que eu sou Rei, e mais ninguém!

Passa o tempo, e Embaixadores
 são de Roma portadores
 de cartas do Vaticano,
 para o Rei Siciliano,
 em que o Pontifice se empenha
 é elle e o Imperador d'Allemanha,
 para na côrte de Romana
 passarem uma semana.
 —Carregados de presentes
 e vestes magnificentes—
 forradas de rico arminho,
 põem-se todos a caminho
 p'rá linda terra d'Italia,
 que então mais resplandecia
 com a nobre cavalgada,
 ricamente ajaezada!

E lá, entre a creadagem,
 com seu guedelhudo pagem,
 em sendeiro mal montado
 vai o bobo envergonhado,
 provocando hilaridade
 em cada villa e cidade.

Recebidos são com pompa
 ao som do canhão e trompa:
 E o Papa abençoa e abraça
 seus irmãos na grande praça,
 sem saber, que ao peito cinge
 um Anjo, que irmão se finge.
 —Então, apartando o povo,
 com impeto o pobre bobo
 se arroja aos braços do Papa
 dizendo;—Sob esta capa,
 que meus hombros tem coberto,
 vê o teu irmão Roberto!
 —Este que se diz ser Rei,
 é impostor, já eu jurei!
 O Papa olha duvidoso
 para o rosto luminoso
 do anjo, sereno e tranquillo:
 Diz d'ahi, Valmond, aquillo
 é um bobo, e não sei que gosto,
 ha em ver o proprio rosto
 servindo d'escarneo triste:
 Não descubro não o chiste.
 E Roberto em mais desgraça
 se interna na populaça.

A semana santa, assim,
 passa em mystico festim.
 Do archanjo o resplendor
 precede o sol, e o fulgor
 da divina claridade
 transluz em toda a cidade,
 que acredita com mais fé,
 que Deus resuscitado é!
 Até o truão,—sobre a palha,
 nas paredes vê a malha
 do divino resplendor,
 e possuido de fervor

como d'antes não sentio
arrepellido cahio—
prostrado no pavimento,
sentindo no firmamento,
o leve atrito da veste
d'um espirito celeste!

A visita terminada,
põe-se os Reis em retirada.
Por onde passa o anjo casto,
deixa após brilhante rasto—
desde Roma até Salerno,
e no mar até Palermo!
'Stava o anjo no salão;
e visinho torreão
a matinas convocando,
par'cia estar conversando
o outro mundo com o nosso.
—Mandando sair a côrte,
ao Rei falla d'esta sorte.
—Sois o Rei?—E o Rei curvado,
diz constricto:—O meu peccado
é tão grave, que, em consciencia,
só me resta a penitencia
austera e conventual.
Schola penitencial
É aquella, e o melhor caminho
para a graça do Divino.
O semblante se irradia
do archanjo, e alumia
com brilhante luz o espaço,
e p'las janellas do Paço
entra uma voz bem clara e alta:
«Os humildes, Deus exalta!
Soa então mais doce voz,
«Eu sou anjo,—o Rei sois vós!

Junto ao throno, o Rei Roberto
 está só, e já coberto
 do antigo manto real.
 Quando a côrte e o Seneschal
 vem de volta p'r'o salão,
 Encontram-no em oração!

Versão de — READ CABRAL.

JOANNA SEYMOUR

ROMANCE HISTORICO

POR

D. Maria do Pilar Sinues de Marco

(Conclusão)

VI

Dois mezes depois do seu casamento, Henrique VIII estava tão enfasiado da terceira esposa, como se enfasiára das primeiras duas.

E não era porque a pobre Joanna tivesse mudado de character—sempre doce, timida e inoffensiva, desde que era rainha esforçava-se por se tornar humilde; nem um só facto notavel ha na sua vida—deve sómente a celebridade a ser um anno casada com o rei de Inglaterra.

Joanna era muito medrosa e seu marido mortificava-a continuamente, obrigando-a a passeios arriscados já em cavallos fogosos, e já em pequenos barcos quando o Tamisa era agitado pelas tempestades.

N'um dia bastante invernos, achando-se o rio completamente gelado, acabava a rainha de levantar-se, e o rei appareceu-lhe no quarto.

Joanna soffria os primeiros incommodos da gravidez, sem que o rei ainda o soubesse, achava-se bastante doente, quando recebeu ordem imperiosa para se preparar para um passeio a cavallo.

A rainha tremeu, porque o rei lhe destinava sempre os cavallos mais espertos e impetuosos; mas incapaz da menor resistencia, vestiu-se e desceu para o pateo juntamente com o rei.

Tinha-se-lhe preparado a egoa mais briosa das reaes cavalhariças, e grande numero de fidalgos a esperavam, já montados em seus corseis, que rinchavam impacientes por largar a galope. Tremula de medo, montou sem que fizesse objecção alguma, em quanto o rei a olhava com um sorriso maligno.

A cavalgata partiu a trote, e Joanna que apesar do seu terror montava muito bem, não achou difficuldade em domar a egoa, ainda que nunca a tivesse montado; pois que o rei por excesso de crueldade, a cada novo passeio ordenava que montasse em differente cavalgadura.

A infeliz, porém, cuidou morrer de medo, chegando ás margens do Tamisa, completamente gelado, vendo que o rei e mais cavalleiros cavalgavam pelo gelo como se passeassem em terra firme.

Meu Deos! exclamou Joanna, retendo a egoa, que se impinava furiosamente, aonde vamos, Senhor?

—A Greenwich, minha querida, respondeu o rei, sempre a rir-se.

—A Greenwich? Não o posso crer!

—Porque?

—Porque temos ainda de atravessar oito milhas!

—E que importa?

—Pois havemos passeal-as sobre o gelo?

—Certamente.

O rei metteu esporas ao cavallo, e a rainha não teve remedio senão segui-o, a chorar copiosamente.

Era tal o seu terror e agitação que apenas tinha a consciencia de que vivia, respirava com difficuldade, e nem ao menos se a percebera da falta do seu chapéu de feltro, que lhe saltou da cabeça logo á entrada do Tamisa.

A pobre rainha teve pois que fazer quasi toda a jornada com a cabeça descuberta, sobre a qual cahia constantemente um chuvisco gelado.

O rei voltava-se de quando em quando para a observar, soltando uma gargalhada.

—Senhora, o que mais me diverte n'este passeio, é o vosso medo.

Um pouco antes de chegarem á residencia real de Greenwich, a rainha cahiu sobre o gêlo do rio, dando um grito lastimoso. O peso do corpo quebrou o gêlo e apesar da diligencia dos cortesãos para a levantarem, ficaram-lhe os vestidos ensopados em agua gelada; mas era tal o medo que tinha do rei, lembrando-se do tragico fim de Anna Bolena, que dissimulou os seus padecimentos, e tornou a montar por um supremo esforço de vontade. Os dentes da infeliz senhora rangiam com tanta força, que se lhe quebraram dois; e chegando a Greenwisch cahiu de novo desmaiada, chamando-se então um medico a toda a pressa.

—A rainha tem soffrido phisica e moralmente, disse o doutor; está gravida, é extrema a sua fraqueza, e esta agitação póde dar resultados funestos.

Joanna abriu os olhos n'aquelle momento, e o rei pegando-lhe bruscamente n'um dos braços e saccudindo-o, disse-lhe os maiores improperios porque o não prevenira do estado de gravidez. A rainha não lhe respondeu uma só palavra.

—Desde hoje deve ficar n'uma imobilidade absoluta, senhora, e fica prohibida de dar um passo sem ordem expressa minha.

Joanna regressou a Londres n'uma liteira, submettida ás mais ridiculas precauções. Seu proprio marido se constituiu seu guarda, e não a deixava mover-se, nem ao menos fallar, para que não perigasse a existencia do herdeiro do throno.

A pobre senhora teve nove mezes um martyrio incessante; porque o rei já muito enfastiado della, tanto a velava como a mortificava moralmente.

Chegou a final o mez de outubro de 1539 e com elle o termo da gravidez da rainha. Esta achava-se de cama ha muitos dias accommettida de continuos desmaios e de espasmos nervosos, pelos dissabores que soffria.

VII

Findará o mez de outubro.

No quarto de cama da rainha de Inglaterra, sómente alumiado por uma lampada de prata, achava se o rei, tres medicos e os altos dignitarios do estado.

Joanna parecia chegar ao termo da vida, tal era a sua palidez e extrema prostração. Estava immovel, mas de quando em quando o corpo se lhe agitava convulsivamente, e deixava escapar um gemido profundo e doloroso. A infeliz soffria muito.

Tantas dores, tantos sobresaltos, e tanto terror, haviam-n'a enfraquecido a ponto de desesperar-se do seu estado.

De momento a momento aproximavam-se-lhe os medicos, ministrando-lhe aos seccos labios algum cordeal, e tornavam a sahir do quarto.

Assim se passaram algumas horas, até que ás 11 da noite, o mais velho dos facultativos se aproximou ao leito, observou Joanna, e dirigindo se ao rei disse-lhe:

—Ha trinta horas que a rainha é victima de soffrimentos crueis, e estes longe de cederem, parece que augmentam.

—Muito bem.

—E' preciso que V. M. decida se havemos salvar a rainha ou o principe que vae nascer.

—Salvae o menino, respondeu o rei sem vacilar, que mulheres ha muitas ¹.

A rainha ouviu esta deshumana expressão e soltou um gemido.

O medico dirigiu-lhe palavras consoladoras, dando-lhe alguma esperanza; mas aquella infeliz martyr já nada esperava, depois do que acabáva de ouvir.

Os medicos começaram então uma operação dolorosa, durante a qual a rainha desmaiou muitas vezes; e á vista de tão horriveis padecimentos, seu marido não mostrou sentimento nem emoção alguma.

¹ Historico.

Com os olhos fixos na porta do quarto, só esperava ver o herdeiro do seu throno, e ora fazia grandes promessas aos medicos ora os ameaçava com os mais terriveis castigos se lhe deixassem morrer o principe.

Depois de uma hora de cruel expectativa para os facultativos que a cada instante, julgavam presenciar o passamento da rainha, nasceu Eduardo VI.

A rainha permanecia immovel e hirta, e os medicos depositando o menino nos braços do rei, voltaram para junto da rainha que não se movia, nem ao menos respirava.

—Arautos, gritou o rei com voz de trovão.

—Senhor, disse um dos medicos, a rainha está agonisante e seria conveniente espaçar a cerimonia da proclamação.

—Nada, ha de ser agora mesmo, replicou o rei, que ébrio de alegria a todos apresentava seu filho.

Effectivamente entraram os arautos, e ao som de trombetas e clarins annunciaram o nascimento do principe de Galles.

O quarto da rainha foi-se enchendo de grande numero de pessoas, e a cerimonia terminou sem que Joanna della se apercebesse, nem recuperasse os sentidos.

VIII

Tres dias depois, pelas dez horas da noite teve lugar a cerimonia do baptismo.

A's oito, o rei, que não tornára a occupar-se de sua esposa, foi ao seu quarto.

—Vista-se já, senhora.

—Que diz V. M.?

—Que se vista.

—Meu Deos, disse Joanna, atterrada, não poderei ter-me em pé.

Não ha precisão que esteja de pé, disse o rei asperamente, basta que se sente n'uma cadeira.

—Mas, se eu estou tão fraca, que até a vista me falta!

—Isso não importa, exige-o a etiqueta.

—Mas, Senhor, o baptismo dos principes é sempre um mez depois do nascimento.

—Pois eu determinei que meu filho se baptisasse ao terceiro dia.

Joanna comprehendeu a inutilidade das supplicas, o rei chamou as damas, e no mesmo instante a vestiram, collocando-lhe na cabeça a corôa real, adornaram-n'a de joias, e sentaram-n'a n'uma cadeira.

Abriram-se depois as portas, e antes que o menino fosse para a capella, apresentaram lh'o, beijou-o repetidas vezes, e abençoou-o com lagrimas.

A princeza Maria chamada por seu pai, para madrinha, tambem entrou no quarto de Joanna, e dirigiu-lhe expressões consoladoras.

Pouco depois sahiram todos em procissão para S. Paulo, aonde devia ter logar a cerimonia.

Abria o cortejo um piquete de cavallaria, e seguia-se um carro dourado em que ia a marquezia de Hasting com o principe nos braços, a madrinha, e os padrinhos escolhidos pelo rei que eram os duques de Norfolk e de Gramer, um parente de Joanna e outro primeiro ministro.

N'outro carro iam a princeza Isabel, filha da desgraçada Anna, e que só contava quatro annos, e lord Seymour irmão da rainha.

Extranhas grandezas da terra que assim reúnem a filha da desditosa Anna Bolena com o irmão da sua successora!

N'outro carro, tranquilo e risonho, acompanhado de outros grandes do reino, ia o conde de Wittshire, pai da rainha decapitada.

Todos olhavam aquelle homem com um profundo sentimento de despreso e de horror.

No atrio de S. Paulo a comitiva deixou as carruagens e poz-se em marcha pela maneira seguinte.

Maria tomou o menino nos braços, e os dois padrinhos pegavam na longa cauda do seu vestido de setim branco, bordado a prata.

Seguia-se a princeza Isabel, menina encantadora, grandes olhos azues, nariz aquilineo, branca e palida bocca; mi-

mosos e bonitos dentes. Em nada se parecia com sua mãe a alegre e voluptuosa Anna Bolena: era triste e altiva; e tal era ainda, quando muitos annos depois se apaixonou de Courteayg, e quando assignou a sentença de morte de Maria Stuart, sendo a poderosa rainha de Inglaterra.

Isabel assistiu á cerimonia sorrindo. Maria grave, porém serena, vendo que o menino que tinha nos braços lhe roubava a corôa de seu pai, que devia pertencer-lhe.

Quando a comitiva voltou ao palacio era já perto da meia noite. A rainha permanecia sentada, adormecida por uma ardente febre, e o rei, sentado a alguma distancia, não lhe fallava, nem pelo menos a olhava.

Segundo a etiqueta toda a comitiva devia passar em frente da rainha, e assim se fez, indo na frente as trombetas e musica.

Joanna apesar dos seus grandes soffrimentos experimentou um tão vivo prazer, vendo a pompa que rodeava seu filho, e a satisfação que o rei manifestava pelo seu nascimento, que depois de recuperados os sentidos para ver a cerimonia, tornou a desmaiar e tiveram que a metter de novo na cama. Na seguinte manhã estava fraquissima e muito quebrantada, mas o rei inteiramente occupado de seu filho, nem ao menos pensou que ella ainda existisse.

A tranquillidade, e a solidão absoluta em que a deixaram foi-lhe de muito proveito para a saude, mas de muita tristeza para o seu coração.

Foi então que seu pai e irmão conheceram o quanto Joanna era desgraçada, e a infeliz nem ao menos tinha a consolação de ver seu filho.

Não obstante, restabeleceu-se, ainda que mui lentamente, mas os seus attractivos tinham desaparecido para não voltarem.

Joanna comprehendia, toda a infelicidade da sua situação, já não era coisa alguma para o rei, e sentia que se lhe aproximava um fim bem desgraçado.

Mas, que pretexto buscaria o rei para mandar matar aquella esposa tão submissa, virtuosa e exemplar? Nenhum se lhe offerencia, mas ao rei de Inglaterra não faltavam

meios mais ou menos tenebrosos, mais ou menos occultos para tirar a vida aos desgraçados a quem aborrecia.

Dois dias depois tinham logar no palacio duas scenas bem distinctas, mas que offerciam entre si uma terrivel analogia.

O rei, a sós com o cavalheiro de Brian, seu unico confidente, dizia-lhe:

—Preciso os retratos de todas as princezas jovens da Europa.

O confidente, apesar da sua malvadez, estremeceu.

—Tel-os-heis, Senhor, respondeu humildemente.

—Sobre tudo das allemãs, entendes?

—Sim, Senhor.

—Creio que o duque de Clevis tem uma irmã que passa por muito formosa. Não te esqueça o retrato d'essa princeza, Brian.

—Não esquecerá, Senhor.

—Joanna está mal, proseguiu o rei, não póde viver muito, tenho pensado n'isso, e tenho-me conformado com essa idéa dolorosa. Não é verdade, Brian, que com tudo nos conformamos? E o rei deixou escapar um suspiro hypocrita.

Depois de alguns momentos de silencio perguntou o rei:

—Ha quanto tempo não tens ido ver Maria?

—Estive lá hontem, Senhor.

—Como está ella?

—Cada vez mais firme em suas convicções.

—Persiste em não querer abjurar?

—Sim, Senhor.

—Faz bem em ser teimosa, agora já a não póde mover o interesse da coroa, que, por direito, pertence a seu irmão. Não ganha nada em ceder.

Vir á côrte, Senhor; a pobre menina está como presa n'aquelle castello silencioso e sombrio.

—E' verdade, mas ella assim o quer. Não te esqueças dos retratos, Brian.

—Não me esquecerei, Senhor, disse o favorito, beijando a mão ao rei, pois conheceu que aquella recommendação era uma despedida.

E sem demora affastou-se.

Emquanto durava esta scena outra muito mais triste tinha logar nos aposentos da rainha.

Sentada n'uma cadeira, chorava esta amargamente emquanto o pai e seu irmão tratavam de a consolar.

—Oito dias sem ver meu filho, murmurava Joanna entre soluços, oito dias! Eu não posso viver assim.

—Consola-te minha filha, talvez hoje t'o tragam.

—Não, meu pai. Querem matar-me de pezar. Já sou de mais n'este palacio. A minha missão era dar um herdeiro á dymnastia... Está cumprida. Brevemente me farão morrer.

—Pelo amor de Deos cala-te, desgraçada, disse lord Seymour em voz baixa. Não sabes que podem ouvir-nos? Não temes o desagrado do rei?

—Já nada receio. Teme-o tu, Thomaz, disse ella ao irmão, tu que todos os dias recibes novas munificencias de Henrique como tio carnal de seu filho; mas eu que posso esperar? Não tenho tudo a receber? Fui o instrumento docil da grandeza da minha familia, e agora que não faço falta, darão cabo de mim.

Joanna ficou tão prostrada com estas reflexões, que teve de recolher-se á cama.

IX

Seria uma hora da madrugada quando um homem sahindo do corredor que communicava por um lado com uma porta secreta, e por outra com os quartos do rei, penetrou com passo miudo e recatado no da rainha.

Aquelle homem era de estatura atletica e formas robustas, os cabellos emaranhados cahiam-lhe sobre a frente, era Steffen, verdugo secreto do outro verdugo que cingia a corôa e que se chamava Henrique VIII.

Deslisou-se como uma sombra ao largo da parede e entrou no quarto de Joanna.

Ninguem se oppoz á sua passagem; pois que os quartos estavam desertos n'aquella noite, e quasi ás escuras. Porque motivo se teriam affastado os guardas, os pagens, e

até as damas de serviço? Só o rei poderia responder a esta pergunta.

Steffen entrou pois, sem que ninguém lhe dissesse uma palavra, no quarto da rainha alumiado por uma lampada.

Aproximou-se ao leito com passo de lobo, inclinou-se sobre elle, e no mesmo instante do peito de Joanna soltou-se um gemido affogado!

O verdugo calcou o joelho sobre aquelle peito innocente e opprimiu com mais força a delicada garganta que apertára com mão de ferro.

—Meu filho, adeus... A pobre martyr nem ao menos pensou em resistir áquella pressão mortal.

—Desgraçada! não pôde deixar o verdugo de exclamar, enchugando uma lagrima.—Era uma santa!

Sahiu pela mesma porta por onde entrara.

Na manhã do dia seguinte um medico ainda joven e muito palido entrava no quarto da rainha, e ahi fez uma participação a S. M. de que a infeliz morrera de uma febre sobre o parto.

Os outros medicos da camara foram demettidos pelo rei no mesmo dia, aparentemente porque não poderam salvar a rainha, mas na realidade porque não quizeram assignar a parte que outro medico mais joven e mais timido assignou.

Alguns dias depois recebeu o rei os retratos das princezas da Europa, contemplou-os com attenção, e guardando-os disse:

—Dentro de seis dias tomarei uma resolução difinitiva, porque preciso casar-me.

FIM

A MULHER

A EXM.^a SR.^a D. JOANNA RIJO, EM TESTEMUNHO DE
GRATIDÃO

Ce n'est une borne qualité dans
une femme d'être saraute

LA FONTAINE

Em 1862 escrevia eu no interessante semanario «Estrela d'Alva» um artigo ácerca da mulher, e entre outras reflexões, fazia esta: «... nem só ao homem foi dado comprehender «e estudar as grandes questões: tambem entre o bello sexo ha intelligencias capazes de tratarem assumptos importantes e transcendentés, genios mui sublimes que já teem alcançado um brilhante nome na republica das lettras.»

E assim é. Oxalá que os governos não tivessem esquecido ou despresado, por assim dizer, a educação das mulheres, porque sem contestação alguma, é impossivel moralisar qualquer povo, sem cuidar seriamente da educação desta parte do povo, que exerce sobre a outra uma acção constante.

Nasee o homem, e desde logo, acha sempre a seu lado a mulher. E' a mãe carinhosa que o embala no berço, é a amante que o embriaga d'amor, é a esposa que o acompanha na espinhosa senda da vida, porque toma parte nas magoas d'aquelle que se lhe uniu por laços indissoluveis, é a filha, emfim, de quem elle recebe as derradeiras caricias e affagos.

E' a mulher que em todas as epochas da vida modifica as suas opiniões, que adoça, diga-se, a rudeza natural do seu genio. E' ella quem primeira lhe grava no fundo do coração não só as doutrinas da fé, mas tambem as regras da moral, necessarias para a nossa felicidade durante a vida, e que depois nos podem fazer gozar da mansão dos justos. E' ella, finalmente, quem primeiro os instrue a proferir a honra á fortuna, a amar nossos semelhantes, a socorrer os infelizes, e a elevar a alma á origem do bello e do infinito.

Ainda mais: se o homem reina, a mulher é de certo quem governa, sem que elle o perceba, sem que ella mesmo muitas vezes o saiba.

Da influencia benefica das mulheres sobre a existencia politica das nações ha na historia provas sem conto. Folheemos, pois.

No povo, cujas tradições sagradas começam os annos do mundo christão, entre os judeus, homens sensuaes e grosseiros, as mulheres temperavam, pelos encantos da sua innocencia, costumes crueis, fanaticos e indomaveis.

Segundo a comparação biblica, foram as mulheres de Sião, como nascentes d'agua pura nos rochedos do Ghizer. Sem as Sara, as Ruth, e as Rachel, esses homens sanguinarios, sempre ajoelhados diante de uma devindade terrivel, teriam sido monstros de crueldade.

Vêmos que tudo que ha consolador, amavel e meigo na historia do povo de Deus, é ás mulheres que se deve. Era Ethaim, a boa mãe, que não queria que a consolassem depois da morte de seus filhos: vivia solitaria, fugindo sempre de aliviar a dôr que sentia.

Bem diz o immortal Garrett que

«A mãe é a mais bella das obras de Deus!»

Eram as filhas d'Israel que cantavam assim no seu captiveiro:

«Assentadas á beira das aguas, em terra estrangeira, temos chorado, lembrando-nos do triste dia em que o inimigo, coberto de sangue, fez montes de cadaveres, em

«Jerusalem: nesse dia as filhas de Sião se dispersaram pelo mundo, e foram gemendo para as terras do exílio.

«Via-mos as ondas livres, que vinham desfazer-se em espuma, perto de nós, junto aos rochedos—quando o estrangeiro quiz que cantássemos. Não! nunca elle gozará esse terrível prazer: que se extinga a nossa voz, que as nossas mãos cáiam mirradas antes de fazer ouvir aos nossos tyrannos um só acorde da harpa de Israel.

«Harpa Santa, ficarás muda, até que nos aqueça o sol da liberdade. Antes disso, nunca a voz dos crueis que nos acompanham se unirá ao meigo som de tuas cordas.»

Uma só observação historica póde fazer sentir a influencia das mulheres nas antigas nações: os povos foram virtuosos sempre que as mulheres foram respeitadas e livres, —maus e aviltados sempre que as tiveram escravas. As mulheres dos persas eram escravas de seus maridos, e estes, escravos de todos. As mulheres de Sparta eram livres e respeitadas—tinham heroes por filhos e esposos.

Olhemos na actualidade para as duas grandes divisões do genero humano, o Oriente e o Occidente. Metade do mundo antigo fica estacionario, sem pensar, debaixo do peso de uma civilisação barbara: nesta metade as mulheres são escravas: a outra caminha para a egualdade, caminha para a luz; e é nesta, que as mulheres são acatadas e livres.

«Os antigos systemas de educação não prestam, dizia um dia Napoleão; o que falta em França para a educação das crianças?»

—«Mães, respondeu M.^{me} do Campan, a quem se dirigiam estas palavras.

—«Pois bem, replicou o grande heroe; abi tendes um systema completo de educação: é preciso, senhora, que *eduqueis* mães que saibam *educar* seus filhos.»

Eis uma grande verdade. E' desta educação que depende a verdadeira civilisação e a paz das sociedades humanas.

F. A. DE MATTOS.

PAGINAS INTIMAS

Memorias dos vinte annos

Fragmento

O tumulo não tem vida, o jazigo do finado não contem senão os restos mortaes do homem; o que o mundo chama illusões desaparece, esvae-se como o fumo á beira do sepulchro. Entre mim e as memorias que transcrevo ha a existencia completa de um homem com todas as epochas de uma vida humana sem exceptuar a da morte. Nasci, vivi e fi-nei-me. A minha sombra evocada do tumulo pela omnipotencia de uma memoria de amor é quem falla. O homem desapareceu do numero dos vivos. Negros pesares lhe amarguraram a existencia, um pesar supremo lh'a acabou.

.....

O nordeste frio e agitado da noite rareou no azul purissimo do ceu algumas manchas brancas, que matisavam o grande veu das glorias mysteriosas da côrte do Senhor. O rei da luz penetra com o seu calor temperado da estação do gelo o seio de toda a vegetação. O pobre e o rico, o pequeno e o grande, o humilde e o despota, o homem honesto

e o grande criminoso todos gosam um dos beneficios mais brilhantes de Jehovah. Maldito o que não conhece o Senhor nas suas obras magnificas só inferiores ao seu poder; mas antes infeliz, infeliz do septico, do descrido da Providencia, que nunca as lagrimas de gratidão solemne do homem para com Deus lhe assomaram aos olhos. No coração d'esse homem a esperança, dadiva do ceu para mitigar os grandes pesares do espirito, será apenas um esqueleto mirrado, apontando para os prazeres grosseiros da terra. Os gozos d'alem do sepulchro, as recompensas que o Crucificado prometteu aos crentes do evangelho, as alegrias puras do espirito, essas não as prevê o impio.

O dia está sereno e puro como a consciencia de um justo. A suavidade do ar e a pureza da athmosphera fazem um verdadeiro contraste, com um dia da estação da chuva, todavia apesar da serenidade do ceu e da terra, a tempestade dos affectos encontrados, nascidos da minha vida tão quebrada pelos desenganos, e de um estado de enfermo, abalou fortemente o meu espirito. Quanto o homem é pequeno e acanhado á vista das grandes obras da criação! —Chora quando toda a natureza ri, veste o coração do crepe negro da tristeza ao mais ligeiro signal de consumpção proxima, quando a criação animada brilha com toda a pompa com que Deus a vestiu.

Na luta violenta das crenças da mocidade contra as desillusões da vida, tenho momentos, não digo bem, tenho horas de um desalento tal, que chego a desesperar totalmente de mim, dos homens e do futuro. N'essas horas de desesperação, de melancolia profunda e de amargor, peço muitas vezes a morte a Deus.—Insensato que não possues a coragem do soffrimento, a verdadeira coragem, a coragem da razão! Onde jaz a primavera de teus dias? No esquecimento do passado. Onde a energia e a força da vida? Sepultada em desvarios. Que esperas pois? Qual é a tua esperança?—Deus!—Só elle é grande, é eterno; só elle é forte porque é senhor da força e auctor do tempo, porque é misericordioso; o seu nome seja bemdito.

Um sentimento, talvez unico, me prende á terra. No

meio de meu desalento, quando a desesperação me enfraquece e mina as forças da alma e do corpo, ainda atravez de um tempestuoso presente e nubloso futuro, me penetra o espirito um pequeno mas brilhante raio do esperança. E's tu Emilia, tão meiga como o carinho de um anjo, tão bella como a esperança de um noivo, tão pura como a convicção de um martyr da fé christã, quem m'o envias. Deus te proteja, Deus proteja o meu anjo de amor. Que a benção do ceu te envolva em seu véo mysterioso de ineffaveis delicias. Tão joven, tão pura e tão linda mereceras certamente um coração mais cheio de vida, mais energico, e menos gasto do roçar das paixões e das sensações dolorosas do que o meu. Se porém este sanctuario, profanado tantas vezes, não tem um altar para este anjo de Deus, onde os perfumes virgens de um verdadeiro e casto amor lhe sejam offerecidas, tens a minha alma, oude uma affeição mais pura, se bem que menos ardente, te póde enviar incenso mais digno de ti.

Se o coração me não bate, quando junto de ti deploro comigo a minha indiferença de septico, a minha alma conhece-te, e talvez que um dia o coração, regenerado pela intelligencia venho ainda a ser digno de ti.

B. DE SOUZA DE MENEZES

A CONFIANÇA EM DEOS

○ Não ha verdadeira felicidade sem fé. O homem possuido de viva fé póde facilmente ter esperanza no que deseja.

A vida do homem é similhante á das plantas que desabrocham na primavera.

Para momentos de formosura, um anno de nudez; para breves instantes de prazeres e amores, horas eternas de dor e de amargura.

Quando Deos creou e homem inspirou-lhe o conhecimento das coisas.

Doou-lhe a fé como elemento poderoso para alcançar a bemaventurança que debalde procura o que não tem um atomo de crença.

Aquelle que confia em Deos arde na chamma purissima que alumia e vivifica todas as intelligencias.

Apresentemo nos a um homem que tenha fé, e d'elle conseguiremos tudo; se pelo contrario a não tiver, será o mesmo que fallarmos a uma rocha.

A fé é a base das sciencias, é o ponto fixo em que se acha a verdadeira sabedoria.

Que seria do homem sem esta virtude suprema?

Todos os nossos actos são necessariamente precedidos da fé; porque se não tivéssemos fé, nem semearíamos os campos, nem atravessariamos os mares, nem confiariamos n'uma fragil embarcação e muito menos no seu piloto.

Tal é a influencia poderosa da fé.

Quem haverá que acreditando na existencia de Deos, não tenha n'elle a mais completa confiança?

Ninguém.

Nos momentos mais anciosos da vida, e quando a dor parece querer esmagar-nos, sempre cruza pela nossa mente uma idéa consoladora—a esperanza.

Humanamente fallando é o sonho do homem desperto.

Tirai ao homem a esperanza e matar-lhe-eis a vida em flor.

Que seria do mundo sem esta soberana consolação?

Um vasto deserto.

Logo se a fé é a luz que vivifica, a esperanza é a luz que fortalece e consola.

Diz nos a recta razão que Deos na sua alta sabedoria creára o homem para um fim, ao qual deve dirigir-se por todos os meios dignos d'elle.

Deos sem Providencia não podia ser Deos.

E por isso vemos o pae commum de todos os seres creados, velar por todos, attender-nos e consolar-nos como apraz ao seu poder e justiça.

No meio dos mais crueis soffrimentos, se confiarmos na Providencia, sempre havemos ter no coração a flor mimosa da esperanza.

Todos quantos nutrem a idéa de *crer* e de *esperar* necessariamente, sentem a chamma ardente da caridade; pois que por ella todos somos irmãos, e Deos, pai de nós todos.

Esta abençoada planta que, nascida no humilde presepio de Belem, exalou depois o seu suavissimo aroma no alto do Golgotha, é a intima e terna amisade entre os espiritos.

A caridade é a obra mais meritoria que podemos praticar para fiel cumprimento dos nossos deveres.

O homem caritativo colloca na sua frente uma aureola celeste.

Assim pois, o que tiver uma verdadeira fé, tem igualmente a esperança e por conseguinte a caridade.

Voltemos porém á confiança que devemos ter n'aquelle que nos deu a existencia.

Deus não nos enviou ao mundo para o habitarmos sempre, mas para aqui vivermos como viajantes em demanda da verdadeira patria.

Logo em tão curta jornada devemos fiar-nos sempre na sua sabedoria infinita, seguros de nunca serem baldadas as nossas esperanças.

Quantos d'aquelles que não tem erido na Providencia, passaram dias de tribulação e de amargura, confundidos pelo seu erro e sem consolação alguma!

A quem melhor poderemos recorrer na infelicidade que ao author dos nossos dias?

Invocamol-o ainda meninos, e quando apenas começamos a articular algumas palavras. E quanto não é consolador o ouvirmos á infancia pronunciar a miudo o santo nome de Deos?

Parece-nos que não haverá pessoa alguma que deixe de recordar-se com prazer dos momentos em que nossas extremas mães nos imprimiam na candida face um beijo de paz e de amor.

E porque não havemos recorrer em nossas afflicções ao Omnipotente?

Quem não confiar em Deos não pode commover-se perante o glorioso espectaculo da morte de Jesus por nós e para nós!

Quem haverá, que imitando a Providencia, fazendo o bem possível não sinta em sua alma as mais ineffaveis emoções?

Se perfeitamente se comprehendesse a felicidade do bem que se pratica, todos se compenetrariam do verdadeiro amor de Deos.

Vejamos uma prova de tudo quanto dissemos n'um facto occorrido em Paris não ha muito tempo, o, a todos os respeitos, muito importante.

N'uma das ruas immediatas á praça de Santo Honorato

vivia no ultimo andar de uma casa velha uma familia de operarios, afflicta por uma d'essas desgraças que mortificam a quantos as sabem avaliar.

A mulher, ainda nova, estava ha tempos de cama, e o marido, unico apoio da sua familia, caíra de um andaime, ficando tão ferido, que não póde trabalhar por muito tempo.

Que recursos poderia haver em tão penosa situação para sustento dos filhinhos?

A Providencia que vela constantemente pelo homem, não o desamparou em tão afflicta situação.

Entre os cinco filhos que tinha havia uma menina, sumamente desembaraçada, que frequentava todos os dias uma escola gratuita.

Não póde porém continuar a aprender, por ter que ficar em casa para tratar de seus paes.

Era tanto o pezar da pobre menina, tão grande a miseria n'aquella casa, e tal a afflicção de ver seus irmãosinhos com fome, que concebeu immediatamente o plano de sair d'aquelles apuros.

—A mestra, dizia a menina, recommenda-nos, que, quando nos virmos afflictas, recorramos a Deos... Muito bem: vou-lhe escrever uma carta como as que a mamã costuma escrever a minha madrinha, pois que ainda ali tenho uma folha de papel.

Dito e feito.

Emquanto os pais dormiam com o pesado somno da febre, escreveu, mal ou bem, uma carta cheia de borrões, na qual pedia a Deos a saude para seus paes e um boccalho de pão para ella e para seus irmãosinhos.

Apenas acabou de escrever, saiu de casa e dirigiu-se á egreja de S. Roque, aonde tratou de deitar a sua carta no mialheiro dos pobres, procurando ao mesmo tempo não ser apercebida de pessoa alguma das que estavam no templo.

Mas, uma senhora muito respeitavel, já idosa, surpreendeu a pobre menina, no proprio momento em que ella queria fazer do mialheiro dos pobres, caixa de correio.

—Que faz menina?

Esta entrou a chorar, e como a senhora continuasse a interrogal-a, contou-lhe ingenuamente tudo.

Enternecida a boa senhora, consolou a menina, e pegando na carta disse-lhe:

—Eu me encarrego de a fazer chegar ao seu destino.

E logo accrescentou:

—Vai aqui declarado o n.º e o andar da casa?

—Não, senhora, porque me disseram que Deos sabia tudo.

—E' verdade, minha filha, mas talvez que quem se encarregar da resposta não saiba tanto.

A menina declarou-lhe então a morada de seus pais, e cheia da maior alegria voltou para casa, confiando em que Deos attenderia as suas ardentes supplicas, e lhe proporcionaria meios de remediar a triste sorte da sua familia.

Amanheceu o dia seguinte e ao levantar-se para sair, encontrou á porta do quarto uma grande cesta cheia de roupas de homem, de mulher e de meninos, calçado, assucar dinheiro; e tudo isto muito embrulhado tendo por cima um pequeno bilhete com estas palavras—*Resposta de Deos.*

Passada apenas uma hora apresentou-se n'aquella casa um medico encarregado de tratar dos enfermos.

Aquella respeitavel senhora entreteve-se em imitar a Providencia.

A carta da menina não subiu litteralmente ao Ceo, mas quem duvida que não fosse pelo menos recebida por um anjo?

E' pena que estes não sejam tão numerosos como era para desejar, mas vê-se que quem confia em Deos, sempre é consolado.

Não é debalde que todos os dias dizemos—*«Padre nosso...»*

COMPANHIA GERAL

DE

CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

Propomo-nos hoje a chamar a attenção do illustre governador interino desta Companhia para alguns pontos capitaes, dos quaes depende, em nosso entender, a consolidação e credito deste estabelecimento, importantissimo.

Pela ausencia do sr. conde de Avila, ficou o governo da Companhia nas mãos de um cavalheiro estimavel e intelligente, o sr. Luiz de Castro Guimarães, que por certo nos revelará as observações que passamos a expender.

O caracter bondoso de s. ex.^a, os sentimentos de justiça, o conhecimento cabal de tudo quanto interessa á Companhia, o estudo, prudencia e reflexão unidas á pratica dos negocios commerciaes e de credito, dão a s. ex.^a toda a competencia necessaria para elevar a prosperidade e credito do estabelecimento que dirige ao gráo que lhe compete.

Perdoe-nos s. ex.^a se offendemos a sua reconhecida modestia, mas, testemunhas do seu zêlo constante e de sua extremada dedicação pelo serviço da Companhia, não podiamos deixar de prestar esta homenagem á verdade; e permitta-nos s. ex.^a que aqui lhe consignemos tambem

um voto de gratidão pessoal, pela benevolencia com que sempre nos tratou.

E note-se bem, que as observações que vamos apresentar tem unicamente por fim o desejo de vermos o Credito Predial neste paiz, robustecido, em ordem a tornar-se como deve ser, um estabelecimento que, dando legitimos interesses aos accionistas, proporcione tambem á propriedade e á agricultura os precisos meios para o desenvolvimento da riqueza publica e particular.

Anima-nos muito a idéa de ver que o sr. Luiz de Castro Guimarães, logo no principio da sua gerencia começou por um acto energico, fazendo reunir o conselho de administração em dias successivos para a resolução de antigas propostas para emprestimos. Quer fosse de s. ex.^a, quer de algum dos illustres membros do conselho o pensamento de resolver com presteza as propostas no caso de serem decedidas, o facto é que esta medida era de summa necessidade, tanto no interesse da Companhia como no dos particulares.

Antes porém de entrarmos nas observações que nos occorrem para a breve resolução das propostas, e bem assim das reformas necessarias no regulamento respectivo para o andamento e decisão dos processos, seja-nos permittido dizer ainda duas palavras sobre as reclamações dos srs. duque de Saldanha e barão de Lagos, de que já tratámos em o numero antecedente; reclamações de tão incontestavel justiça, que muito nos lisongeámos de ver que, transcripto aquelle nosso artigo no *Jornal do Commercio* e na *Verdade*, ninguem appareceu que contestasse a certeza dos factos e a santidade dos principios que estabelecemos, para demonstrar a justiça com aquelles cavalheiros reclamam os direitos de fundadores, de que foram violentamente esbulhados por um simples decreto do executivo, e contra o qual logo protestaram.

Os srs. duque de Saldanha e barão de Lagos estão moralmente desaggravados do inaudito procedimento do sr. João Chrysostomo com o accordão do conselho de estado a que nos referimos no artigo que já publicámos em o nu-

mero antecedente, e bem assim com a portaria do governo que mandou dar cumprimento ao mesmo accordão; mas não basta essa reparação moral, torna-se necessario que ella seja cabal e completa, com a entrega das acções que por direito pertencem áquelles cavalheiros, como primeiro fundadores e iniciadores da idéa do Credito Predial n'este paiz.

Ninguem melhor do que o sr. Luiz de Castro Guimarães está no caso de apreciar a justiça dos illustres reclamantes, pois que foi s. ex.^a o primeiro que se associou com o sr. barão de Lagos para a organização de uma Companhia desta ordem, sendo ainda s. ex.^a quem por uma escriptura publica cedeu todos os seus direitos no nobre duque de Saldanha; e, ou s. ex.^a tinha legitimos direitos a transmittir ou não: o facto é que os transmittiu, e por esse facto de transmissão de direitos, que considerava, como não póde deixar de considerar ainda, valiosissimos; está na precisa obrigação de os sustentar e deffender: se não tinha porém taes direitos, perguntaremos nós, então o que é que s. ex.^a transmittiu por um contracto solemne?

Por qualquer lado que se encare esta questão, não póde deixar de fazer-se a mais completa justiça aos srs. duque de Saldanha e barão de Lagos, e o actual governador da Companhia Geral de Credito Predial Portuguez é o primeiro interessado em que se faça essa justiça aos legitimos direitos do nobre duque, direitos, repetimos, que lhe foram transmittidos por s. ex.^a!

Este negocio tão importante tem marchado com morosidade; pois consta-nos que só dez ou doze dias depois de se receber na Companhia a portaria em que o governo de S. M. mandou dar cumprimento ao accordão do conselho de estado, é que se expediram as circulares aos fundadores para estes responderem, se se conformavam ou não com o referido accordão.

Algumas destas respostas já tem chegado; e temos plena confiança na solicitude do sr. Luiz de Castro Guimarães, para que duvidemos um só momento de que s. ex.^a fará os possiveis esforços para que esta questão seja resolvida com brevidade.

Outros objectos estão chamando particularmente a attenção de s. ex.^a, e um dos primeiros é sem duvida a organização da respectiva secretaria de uma maneira conveniente á regularidade do serviço, brevidade no expediente, e resolução das propostas n'um prazo não excedente a vinte dias.

Tudo assim se poderá fazer, se tanto o illustre governador interino como os muitos respeitaveis membros do conselho tiverem iniciativa propria a dar o desenvolvimento necessario aos trabalhos por meio de um pessoal bem retribuido, e que possa satisfazer aos muitos e muito variados objectos de escripturação necessarios n'um estabelecimento d'aquella ordem, sempre em dia.

Os empregados existentes, faça-se-lhe a devida justiça, são intelligentissimos; mas não são de ferro; não podem trabalhar de dia, de noite, e nos dias santificados, sendo miseravelmente retribuidos. Não se capitalisem juro sobre juro para que hajam bons devidendos á custa do suor dos empregados. Todo o augmento de despeza que haja com elles, ha de ser altamente productivo para a Companhia. Acreditem no.

O edificio da Companhia tambem deve chamar a attenção do conselho. Emquanto que a delegação do Porto tem um edeficio decentemente mobilado, e em todas as condições de conforto, na casa que é a sede do governo da Companhia não ha um unico reposteiro! Tudo aqui é pobre e mesquinho por mal entendidas idéas de economia. Entre-se no Banco Lusitano e no Ultramarino, tudo ali está montado com muita decencia e muito gosto; e os empregados satisfeitissimos porque são dignamente remunerados.

Em artigos subsequentes temos de alongar estas e outras considerações em relação á Companhia Geral de Credito Predial Portuguez; mas não podemos encerrar este pequeno artigo sem chamar a attenção tanto do sr. governador como dos illustres membros do conselho para um objecto de muita importancia, e do qual podem resultar gravissimos prejuizos tanto para a Companhia como para os particulares.

Queremos fallar ácerca das informações que se costumam pedir sobre o valor e rendimento das propriedades que se offerecem para garantia dos empréstimos.

Todos sabem que nas terras pequenas sempre ha inimizades provindas já das lutas eleitoraes, e já das pequenas intrigas que ha sempre nas freguezias ruraes entre uns e outros.

A Companhia pôde ser muito prejudicada nessas informações, e oxalá que o não tenha sido já, porque quando o proponente é da intima amisade do informador, ou do seu mesmo partido, é facil que diga para cá que vale vinte, o que se venderia por dez; e pelo contrario; quando seja seu inimigo, não dá valor algum aos predios; ou informa que é muito diminuto o das propriedades que se hypothecam; e ahi temos altamente lesados os proponentes.

Essas informações decidem muitas vezes dos empréstimos; e ahi temos um simples informador a influir nas decisões do conselho, e nem sempre movido pelos principios de justiça.

O unico meio racional de se conhecer o mais aproximadamente possivel o valor e o rendimento das propriedades, é o que determina o artigo 24.º dos estatutos, embora por esse meio tenha de se fazer alguma despeza com os peritos; despeza a que os proponentes se sujeitam de boa vontade; porque lhes dá a garantia de não serem depreciados os valores das suas propriedades por inimizades particulares, muitas vezes filhas de ressentimentos eleitoraes.

Voltaremos ao assumpto.

OS THEATROS DO BAIRRO ALTO

Houve dois theatros do Bairro Alto: um antigo, em que se representaram com delicias de nossos bisavós as *Gueras do alecrim e majerona*, os *Encantos de Medéa*, a *Vida de Esopo*, e tantas comedias, ou operas como então as chamavam, do judeu Antonio José da Silva; e outro moderno.

O antigo era junto do Moinho de Vento no sitio onde ha poucos annos estava a serralheria do italiano Santágalla, e estivera antes d'ella uma fabrica de oleados. O grande poeta o sr. Antonio Feliciano de Castilho contou-me uma vez que quando pelos annos de 1814 a 1816 frequentava humanidades com seus irmãos no geral de estudos chamado Cunhal das Bollas, iam frequentemente, attrahidos d'aquelle ar de poesia, que se respira de todas as ruinas, entreterem-se a scismar no meio dos entulhos do pobre theatro, de que ainda subsistiam uns umbraes derribados e uma escada de pedra, que subia para conduzir... a parte nenhuma. E conversavam por lá com as silvas e hervas floridas que alli moravam pacificamente, mas que não sabiam contar-lhe nada dos espectaculos representados por titeres; quem porém fundou e em que tempo aquella casa,

que se estendia desde a calçadinha do Conde de Soure até á rua do Moinho de Vento, e desde a rua da Rosa até á esquina do Alto do Longo, é o que nem os velhos sabem já, quanto mais eu!

A sua destruição, pelos modos, attribue-se a incendio por occasião do terramoto de 1755. Se assim foi, as chammas que tinham devorado o pobre Antonio José e outras pessoa da sua judiaria—quero dizer, da sua familia—nem siquer perdoaram áquelle capitolio dos seus passados triumphos litterarios. Este foi o theatro velho do Bairro Alto, de que póde ser que ainda alguma coisa nos venham a descobrir as investigações topographicas historicas em que ha annos lida o sr. Ignacio Vilhena Barbosa, sabio ressuscitador da nossa Lisboa preterita.

O segundo theatro do Bairro Alto nasceu já dentro do primeiro quarto d'este seculo pelos mesmos tempos com pouca differença em que o illustre auctor da *Primavera*, estudante novo ainda, ia scismar entre os taes montões de pedregulhos, que outr'ora aprumados estremeciam com os applausos dados pelo publico aos actores mecanicos da *Vida de D. Quixote* e dos *Encantos de Circe*, estando talvez essas peças sentadas nos mesmos degraus de marmore por onde já subira e descera contente e descuidoso do futuro o tão engraçado e tão desgraçado Antonio José.

Ficava o theatro novo do bairro alto no recanto do largo de S. Roque junto á porta da roda dos engeitados, na area occupada hoje pela cocheira e cavallariças da companhia de carruagens lisbonenses: era um edificio pequeno e desgracioso fundado para recreação particular de curiosos por uma sociedade de amigos, que tinham ajustado empregar n'isso os trinta mil cruzades do premio grande da loteria, se a fortuna lh'o acertasse no bilhete a que haviam arranchado. Saiu-lhes a sorte, e cumpriram a promessa.

Não foram os destinos d'essa casa, ao que se conta, nem longos nem brilhantes. Os fundadores representaram alli para a familia e pessoas de amizade; reinavam ainda por esses tempos—como quem diz Fernando e Izabel!—*Manuel Mendes* e a *Nova Castro*. Alugaram depois o theatro a com-

panhias pobres e empobrecidas; cita-se entre as de primeira classe uma companhia de comediantes castelhanos de que fazia parte um tal Leon, comico celebre por seu chiste e que se não comia indubitavelmente bebia e muito bem, acabando por vender agua fresca na praça dos touros do Campo de Sant'Anna. Dizem que tinha graça até no pre-gão, mas o officio era aguado!

Outra companhia que lá trabalhou foi a primeira que veio a Lisboa de actores francezes; estreara-se com maus fados no Salitre e subiu já muito tarde arruinada para o bairro alto, onde achou a sua torre de Ugolino. Morreu de fome e desesperada, o que não deve admirar-nos porque de então para cá tendo crescido tanto a illustração, o gosto, e o conhecimento da lingua franceza, nenhuma tentativa d'esse genero deixou ainda de abortar. Para consolação posthuma da já quasi perdida memoria d'esse theatro foi alli que se representou pela primeira vez, perante um auditorio de convites escolhidissimos o *Catão* do nosso Garrett, em que elle proprio desempenhou tambem um dos papeis.

JULIO CESAR MACHADO

REVISTA GERAL

No *Times*, de 24 de agosto do corrente anno, lê-se o seguinte:

«A commissão nomeada pelo governo portuguez para examinar a questão das armas portateis decidiu que o exercito d'aquelle paiz fosse armado com espingardas de carregar pela culatra. Consistindo o armamento actual em armas do systema Enfield resolveu-se que não fossem transformadas. Tambem foi decidido que se adoptassem as armas de pequeno adarme. A arma escolhida é a inventada pelos srs. Westley Richards & C.^a, de Birmingham, com os quaes foi contratada a fabricação. A commissão merece louvores pela promptidão com que resolveu o negocio, e andou inquestionavelmente bem em adoptar o calibre de 11 milímetros, porque além da sua superior exactidão no tiro (que algumas vezes soffre um desvio inferior a 2 pés a distancia de 1000 jardas,) atirando a esta mesma distancia, sob o pequeno angulo de elevação de 2,55 graus, communicando ao projectil uma grande força de penetração, o peso das munições é tão limitado que facilmente podem ser transportadas em grande quantidade. A arma em si é mais

leve e mais forte que as de Enfield, e o cano mais duravel e melhor adoptado aos duros trabalhos do serviço militar. Portugal é hoje a primeira nação cujo exercito tem a sua infantaria armada com espingardas de carregar pela culatra. É de esperar que o nosso governo siga o exemplo d'aquelle paiz; e que não dilate por mais tempo do que o absolutamente preciso, o decidir se sobre a escolha de uma arma de igual efficacia para as nossas tropas.»

Bravo! Agora é que Portugal se pôde vangloriar de dar lições á Inglaterra e ao mundo inteiro na arte da guerra!

Repare-se bem nos palavras textuaes do *Times*: «Portugal é hoje a primeira nação cujo exercito tem a sua infantaria armada com espingardas de carregar pela culatra! «É de eeperar que o nosso governo siga o exemplo d'aquelle paiz...»

A unica nação! O *Times* aconselha a Inglaterra a que siga o nosso exemplo! Portugal é tão pequeno que não pôde com tantas honrarias. Todos ellas vão reflectir n'um só homem, e esse é o nosso actual ministro da guerra o sr. Antonio Maria Fontes Pereira de Mello! Damos a s. ex.^a os mais sinceros parabens, e agradecemos ao *Diario de Lisboa* a publicação de tão notavel artigo em o seu n.^o 201 de 6 do corrente mez de septembro; pois só assim o paiz teria conhecimento da importancia que temos lá fóra, a ponto de se pedir ao governo inglez que siga os exemplos do governo portuguez!

Os preparativos bellicos que se fazem n'este paiz, não sabemos se para a conquista da China, e do Japão, tem dado que pensar a muita gente, e dizem-se por ahi coisas que custam a acreditar. Por exemplo que achando-se o governo authorisado a levantar um emprestimo de tres mil contos de réis até ao proximo mez de janeiro, já levantára seis mil e quinhentos contos! —Que achando-se auctorisado a emittir inscripções para garantia desse emprestimo as vendera, na importancia de quinze mil contos nominaes; e que já depois disso se ordenára á Junta do Credito Publico a emissão do mais quatro mil contos em inscripções!

Não o acreditamos: Todos sabem que o governo pediu ao parlamento auctorisação para levantar um empréstimo de seis mil e quinhentos contos; mas todos sabem também que essa auctorisação lhe foi limitada a tres mil contos até dezembro proximo; e que por conseguinte a Junta do Credito Publico não se prestaria a ir de encontro á lei para satisfazer o governo.

Temos outro motivo ainda para não acreditar em tamanho abuso de poder; e é ver que a nossa imprensa longe de se occupar deste e d'outros objectos de tanta magnitude, tem enchido columnas e columnas com a discussão das qualidades de Pericles! E' na verdade de muito interesse para a causa publica o saber-se se houve um ou dois Pericles, qual delles era o comilão, se eram sabios e patriotas! Importa mais isso que fiscalisar a maneira porque são geridos os negocios publicos!

O facto é, que anda tudo em movimento por causa do campo das manobras na charneca de Tancos, e também é verdade que mesmo antes da grande agglomeração de tropas que alli se hade reunir, muitos dos soldados que lá andam a trabalhar tem já dado entrada nos hospitaes!

Agora mesmo acabamos de ler uma correspondencia no *Jornal do Commercio*, em que se nos contam as arbitrariedades que se estão dando n'aquelle campo com as expropriações. Vamos transcrevel-a, porque é digna de ler-se. Eil-a:

«*Sr. redactor.*—Continua a observar-se na charneca de Tancos injustificavel vandalismo!

«O povo seguindo o exemplo dos delegados do governo, invade as propriedades e constroe barracas; abre estradas em todas as direcções e corta pinheiros e oliveiras!

«A charneca de Tancos apresenta um perfeito quadro, em que se reproduzem as scenas praticadas n'esta localidade pelo exercito francez durante a guerra peninsular.

«Os trabalhos effectuam-se sem direcção e sem economia. O sr. Salgado dá empreitadas com manifesto desperdicio dos dinheiros publicos. Entre muitas figura a roça de uma porção de mato pelo preço de 60\$000 réis, a qual emprei-

tada foi executada em dois dias e meio por vinte jornaleiros, e uma outra (corte de pinheiros) pela quantia de réis 27\$000!

«Esta concluíram-n'a seis homens em dois dias!

«Cada junta de bois ganha na charneca de Tancos 1\$500 réis por dia. Antes de se começarem aquellas obras ganhavam nos serviços agricolas 1\$000 réis.

«Na construcção de barracas de madeira empregaram sapateiros e ferreiros, vencendo 600 réis diarios!

«Finalmente todos os operarios recebem o dobro dos salarios que venciam trabalhando em obras particulares, não prestando metade do serviço que faziam n'estas.

«Nas expropriações da charneca de Tancos, seguiu o sr. administrador do concelho da Barquinha, e talvez por ordem do governo, um systema particular.

«Depois das propriedades haverem sido invadidas e occupadas tumultuariamente pelos srs. Miceno e Casimiro, mandou o sr. administrador da Barquinha avisar no dia 28 d'agosto os proprietarios para comparecerem nas suas propriedades no dia seguinte pelas 9 horas da manhã. Os proprietarios esperaram duas horas, aproximadamente, pelo sr. administrador; o qual, apresentando-se acompanhado unicamente por tres homens, a quem chamava *louvados*, recebia d'elles o *laudo* consciencioso, mas reduzia-o como *melhor entendia*, escrevendo n'um papel apontamentos contrarios aos *laudos*, que os arbitros haviam dado.

«Notei ao sr. administrador que a lei não permite a instauração do processo de expropriações por modo tão arbitrario, e s. s.^a, *adoptando a opinião* do sr. Casimiro, disse-me que não queria discutir, porque eu não tinha conhecimento das instrucções particulares que elle havia recebido!

«Respondi que a discussão era necessaria, para lhe fazer ver a illegalidade do seu procedimento, e que não admittia instrucções particulares em manifesta transgressão da lei.

«Quem transmittiria taes instrucções ao sr. administrador do concelho da Barquinha? Seria o governo? Seria a auctoridade superior do districto?

«Pois qualquer d'elles pode decretar a occupação das

propriedades da charneca de Tancos, sem se haver procedido á indispensavel expropriação, desprezando-se tambem as prescripções legaes quando se trata, ainda que tarde, de instaurar o competente processo para as expropriar?

«Respondam os defensores do governo, que não respeita o direito de propriedade!

«Aproveito a occasião para agradecer a carta que se me dirigiu no dia 3 do corrente mez, com referencia ao meu artigo, inserido no *Jornal do Commercio* n.º 3:859, e peço ao seu signatario me indique para onde devo enviar a resposta.

«Pela publicação d'estas linhas se lhe confessa grato, sr. redactor, o que é

De v. etc.

Vicente Ferreira Annes de Oliveira.

Constancia, 10 de setembro de 1866.

(Segue-se o reconhecimento.)»

—Diz-se que depois do dia 20 hão de marchar as tropas para o campo das manobras. Veremos.

Não são muito pacificas as noticias que nos vem do estrangeiro.

Receiam-se, e com grande fundamento, graves desintelligencias entre a França e os Estados Unidos, por causa dos acontecimentos do Mexico. O imperador Maximiliano declarou o bloqueio de Matamoros e outros portos occupados pelos republicanos, e o presidente dos Estados Unidos declarou nullo esse decreto, e enviou forças navaes para Matamoros, aonde a França tem um navio da sua esquadra!

Os povos de Candia, e outras povoações sujeitas ao do-

minio turco, revoltam-se e pedem a sua annexação á Grecia.—Na Sicilia ha movimentos republicanos, de modo que se n'uns paizes se trata de consolidar a paz, n'outros apparecem novos symptomas de guerra.

Bem faz o nosso ministro da guerra em preparar-se para todas as eventualidades. Quem sabe se o governo do sultão virá ainda pedir o auxilio de Portugal para subjugar a revolta de Candia?

N'esse caso seria para nós uma vergonha se recusassemos arvorar as quinas ao lado da meia lua!...



UMA PAGINA LUCTUOSA

Deram-se hoje á sepultura os restos mortaes do Commendador Manuel José Ribeiro!... Rico e abastado proprietario na ilha de S. Miguel, aonde exercia o cargo de consul de S. M. o Imperador do Brazil. Viera o illustre finado para Lisboa ha alguns annos, e achava-se ultimamente residindo em Cintra, para onde fora procurar alivios á enfermidade de que succumbiu!...

Gratos á memoria do homem generoso, que em momentos afflictivos nos abriu sempre os braços para nos acolher, e a bolsa para nos auxiliar, devemos-lhe este testemunho de pungente saudade!

Que Deos lhe conceda no ceu o premio das virtudes que tão christãmente exercia na terra, é o voto sincero do nosso coração transido de dôr!

Requiescat in pace!

Lisboa, 14 de setembro de 1866.

M. J. CABRAL.



SUMMARIO

UMA PAGINA LUCTUOSA

Colonias por D. J. de L. pag.....	3
Sociedades de credito por F. T. P. Furtado, pag....	8
Roberto, rei da Sicilia, pelo poeta americano Longfel- low, legenda traduzida em verso portuguez por G. R. Cabral, pag.....	14
Joanna Seymour (conclusão), pag.....	22
A mulher, por F. A. de Mattos, pag.....	32
Paginas intimas por B. de S. Menezes, pag.....	35
A confiança em Deus, pag.....	38
Companhia geral do credito predial portuguez, pag..	43
Os theatros do bairro alto por J. Cesar Machado, pag.	48
Revista geral, pag.....	51
Uma pagina luctuosa.....	57

EXPEDIENTE

Todos os artigos não assignados são de inteira responsabilidade do proprietario d'esta publicação.

—Agradecemos a todos os jornaes portuguezes tanto do

continente como das nossas ilhas a benevolencia com que saudaram esta nova publicação e o obsequio da troca de suas respectivas folhas.

—A' ultima hora, e quando já se achava no prelo a quarta folha d'este numero, recebemos da nossa estimavel e antiga collaboradora a ex.^{ma} sr.^a D. Antonia Gertrudes Pusich uma bella poesia que publicaremos no seguinte numero, e um artigo intitulado—*Oito de setembro*—dedicado ao Nascimento da Virgem Santissima, que temos pezar viesse tão tarde.

—O nosso antigo e bom amigo Julio Cesar Machado tambem nos quiz mimosear com um bello artigo para este numero. Esperamos a sua valiosa collaboração para os seguintes, que desde já lhe agradecemos.

—Aos nossos illustres assignantes das provincias rogamos o obsequio de nos enviarem a importancia das respectivas assignaturas em estampilhas remettidas em carta fechada a M. J. Cabral, Lisboa, rua do Salitre 331, para onde me deve ser dirigida toda a correspondencia.

—Sendo muitas as cartas que diariamente recebemos, em que se nos pedem explicações para os emprestimos hypothecarios, prevenimos as pessoas que nos tem honrado com as suas cartas, que um grave incommodo de saude, de que felizmente nos achamos restabelecidos, tem occasionado alguma demora nas respostas; mas d'ora em diante reservamos os domingos e dias sanctificados para o expediente da nossa correspondencia particular; e assim todos serão satisfeitos com a brevidade possivel.

Aos nossos constituintes que nos têm enviado as suas procurações para lhes solicitarmos emprestimos na companhia Geral de Credito Predial Portuguez, prevenimos que a demora na resolução das suas propostas, não é por falta de activas diligencias para a sua resolução, pois que a brevidade muito particularmente nos interessa; mas porque todas as propostas seguem n'aquella Companhia muitos tranmites que os regulamentos em vigor exigem, e que devem ser reformados no interesse da propria Companhia e no dos proponentes.

A falta de espaço obriga nos ainda n'este numero a retirar as sessões do julgamento da fallencia do sr. Bessone, bem como a continuação da traducção do opusculo intitulado—*Ilhas dos Açores*—pelo capitão E. Morel, versão do sr. G. de S. Pereira.

ERRATA

Em o n.^o antecedente pag. 5, lin. 7, aonde se lê *Costa do rio* leia-se *Corte do rei*.

PUBLICAÇÃO LITTERARIA

O JARDIM DO POVO

Recebemos e agradecemos o ultimo romance publicado—*Pedro e Laura*.—Merece todo o acolhimento esta empreza porque se esmera tanto na escolha dos romances, como no primor das traducções. Publica todos os mezes um bello vol.—Preço 120 réis. Assigna-se no largo de Camões n.^o 4.

EMPRESTIMOS HYPOTHECARIOS

AVISO

A PROPRIETARIOS E LAVRADORES

A Companhia Geral de Credito Predial Portuguez, instituida para libertar a propriedade das garras da usura, e para facilitar a proprietarios e lavradores os precisos meios para melhorarem e beneficiarem os seus predios, tanto rusticos como urbanos, tem feito já varios empréstimos, na importancia de alguns centos de contos de réis, e continúa a realizar todos os dias operações de grandes vantagens para os mutuarios.

Mas, para que se consigam esses empréstimos, torna-se necessario que as propostas venham devidamente instruidas e documentadas conforme as instrucções da mesma Companhia— que os documentos venham todos em ordem a não offerecerem obstaculo algum—que as descripções dos predios sejam claras e conforme as mesmas instrucções—e que finalmente as referidas propostas entrem na Companhia de modo e em ordem a que possam ser resolvidas breve e favoravelmente.

O abaixo assignado, tendo sido empregado por mais de um anno na mesma Companhia, e alli especialmente encar-

regado do movimento e informações das propostas para empréstimos, despediu-se do logar que exercia, obtendo os mais honrosos attestados; e propõe-se a organizar todas as propostas de empréstimos, fazendo os necessarios requerimentos para as certidões, a fim que estas sejam passadas conforme se exige nas instrucções; pois que a experiencia tem mostrado, que, muitas vezes, por se não requerer nos devidos termos, tornam-se inuteis aquelles documentos, depois de se terem pago os respectivos emolumentos.

Para se conhecer a vantagem destes empréstimos, basta ver que, com uma quantia inferior a 7 por cento, póde amortisar-se em 60 annos o proprio capital, os juros e a respectiva commissão. Exemplifiquemos.—Pede-se á Companhia, o empréstimo de 100\$000 réis para se amortisar em 60 annos; e o mutuario só fica com o encargo de pagar á Companhia a pequena quantia de 6\$977 réis cada anno, e, ainda para maior suavidade, esta mesma quantia é paga em duas prestações, uma no 1.º d'abril e outra no 1.º de outubro; ficando de mais a mais o mutuario com o direito não só de remir, quando assim lhe convenha, mas ainda de se lhe acceitarem quaesquer quantias por conta.

Se pelo contrario o empréstimo se contrahir com qualquer particular, o mutuario hade satisfazer o juro que convençionar todos os annos, ficando a divida sempre de pé, ou se hão de ir accumulando juros sobre juros, e em pouco tempo perde o mutuario a propriedade hypothecada, por meio de execuções judiciaes.

Quem quizer pois aproveitar-se dos serviços que n'este ramo posso prestar, importantissimos, por modica commissão, queira dirigir-se pessoalmente ao annunciante na rua do Salitre 331; ou por escripto, remettendo dentro das cartas as precisas estampilhas para as respostas.

Tambem póde ser procurado das 10 horas da manhã ás 2 da tarde no escriptorio da rua do Ouro 232, 1.º andar.

MARIANNO JOSÉ CABRAL.

O PAQUETE DO TEJO

RELAÇÃO NOMINAL DAS PESSOAS QUE TEM ASSIGNADO
PARA ESTA PUBLICAÇÃO.

(Continuação)

Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Sr.^s

Joaquim Martins Leitão.....	Lisboa.
Carlos do Amaral.....	»
Manuel de Paiva Reis e Souza.....	»
José Galvão Mexia.....	»
Joaquim Carlos d'Almeida Fernandes.	»
Antonio do Nascimento Oliveira....	Arruda dos Vinhos.
Manuel de Sousa	Setubal.
Sebastião Trayão d'Andrade e Silva.	»
Antonio F. d'Oliveira	»
Diogo Thomaz de Mesquita.....	»
Francisco Maria Xavier Rosa.....	»
José Maria Duarte.....	»
Sebastião Francisco da Costa.....	»

¹ Não publicamos esta relação por ordem alphabetica por que todos os dias nos chegam novas assignaturas, e que nos obrigaría a alteral-a a cada momento.

Ill.^{mos} e Ex.^{mos} Sr.^s

Manoel Antonio Ligeiro e Lima.	Setubal.
José Gonçalves Cunha.	»
Antonio José Correia	»
Guilherme Theophilo de Silva Pinto..	»
João Ferreira Alves	»
M. M. Valente.	»
Severino Antonio José da Rosa	»
Agostinho Albino de Faria Picão	»
Luiz Francisco Mello	»
João Ignacio Cruz-Farto.	»
Antonio José Pereira	»
Manuel Maria Portella	»
José Luciano Carvalho	»
Alberto Lourenço Dias	»
Manoel Ventura Correia	»
J. J. de Santa Anna	»
Manoel Rodrigues Simão	»
José Manuel da Silva Rosa	»
Antonio (D. ^{or}) de Vasconcellos Pereira de Macedo Coutinho — Juiz da Relação de	Lisboa.
Antonio Augusto Xavier.	»
Antonio Ferreira da Costa Ponce de Leão.	»
Antonio Joaquim Madureira.	Murça.
Antonio José Duarte Nazareth (Ins- pector das Alfandegas)	Lisboa.
Antonio da Silva Ferreira.	{ Santa Martha de Pe- naguião.
Associação (Real) Cental de Agricul- tura	Lisboa.
Antonio Luciano Batalha.	Portel.
Antonio José Gomes Netto	Lisboa.
Alberto Curry da Camara Cabral	»
Barão da Batalha.	»
Candido Joaquim de Freitas Abreu.	»

(Continua)

O PAQUETE DO TENO

Assigna-se para esta publicação em casa do seu
proprietario, M. J. Cabral, na rua do Sa-
lute n.º 881; e na livraria de sr. Campos Junior,
rua Augusta n.º 77 a 81.



Preço da assinatura em libras 100 reis por
numero, pagos no acto da entrega.

Provincia e libras 750 reis por semestre, por
o do porte.

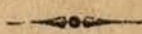
Avulso 120 reis por numero.
Toda a correspondencia deve ser estampilhada
e dirigida a M. J. Cabral, rua do Salute 881 —
Lisboa.

Os tres assignantes das provincias e libras de-
vem receber as suas assignaturas em cartuchos
ou por qualquer modo que lhes seja mais con-
veniente.

W.



O PAQUETE DO TEJO



Assigna-se para esta publicação em casa do seu proprietario Marianno José Cabral, na rua do Salitre n.º 331; e na livraria do sr. Campos Junior, rua Augusta n.º 77 a 81.

Preço da assignatura em Lisboa 100 réis por numero, pagos no acto da entrega.

Provincias e ilhas 720 réis por semestre, franco de porte.

Avulso 120 réis por numero.

Toda a correspondencia deve vir estampilhada e dirigida a M. J. Cabral, rua do Salitre 331 — Lisboa.

Os srs. assignantes das provincias e ilhas podem remetter as suas assignaturas em estampilhas, ou por qualquer modo que lhes seja mais conveniente.



M.

J. 31 FH